

Recepção e representação: uma reflexão metodológica sobre o estudo de recepção da telenovela Velho Chico pelos quilombolas da comunidade Rodeador em Juazeiro, Bahia¹

Cássio VIANA²

Márcia SANTOS³

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

RESUMO

Este artigo expõe o resultado da revisão de literatura relativa à discussão sobre os estudos de recepção e também sobre a relação entre identidade e melodrama, realizada em uma das etapas do subprojeto “Imagem, representação e identidade: um olhar dos quilombolas da comunidade Rodeador em Juazeiro, Bahia, a respeito da telenovela Velho Chico”. Essa reflexão se faz necessária uma vez que a pesquisa pretende analisar o modo como a telenovela em questão faz referências às práticas culturais que configuram modos de vida próprios de comunidades negras e ribeirinhas e, portanto, suas identidades. Através de uma estratégia multimetodológica, a investigação propõe um estudo de recepção com os sujeitos quilombolas a partir de suas próprias leituras sobre como se veem ou não representados pelo produto midiático.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção; Telenovela; Representação; Memória; Identidade.

INTRODUÇÃO

Este artigo traz os resultados parciais do subprojeto de pesquisa intitulado “Imagem, representação e identidade: um olhar dos quilombolas da comunidade Rodeador em Juazeiro, Bahia, a respeito da telenovela Velho Chico”, parte do projeto de pesquisa “Perfil Fotoetnográfico de comunidades quilombolas do Submédio São Francisco: identidades em movimento” - desenvolvido no curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus de Juazeiro e coordenado pela professora Márcia Guena. O subprojeto é financiado pelo Programa de Iniciação Científica da UNEB e busca desenvolver um estudo de recepção com os sujeitos quilombolas a partir de suas próprias leituras sobre como se veem ou não representados pela telenovela.

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Fortaleza – CE – 29/06 a 01/07/2017

² Graduando em Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios, fcassio96@gmail.com

³ Orientadora do artigo e Professora Dra. do curso de Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios, marciaguena@gmail.com

A comunidade do Rodeador é uma das ilhas do município de Juazeiro, Bahia, ao longo do Rio São Francisco e é localizada a treze quilômetros do centro da cidade. De acordo com o projeto Geografar - Geografia de Assentamento na área rural, vinculado à faculdade de Geografia da Universidade Federal da Bahia-, Juazeiro é a cidade que mais se destaca em relação à quantidade de comunidades quilombolas, sendo identificadas quatorze delas e, dentre elas, está o Rodeador, que guarda uma memória negra pulsante. O nome se deu pela volta que os navegantes davam na ilha antes de chegar em Juazeiro.

Atualmente, o Rodeador reivindica sua origem quilombola, seguindo os passos do Alagadiço, sua vizinha, primeira comunidade quilombola de Juazeiro certificada pela Fundação Cultural Palmares, em maio de 2016. Os mais de seiscentos moradores do Rodeador, distribuídos em aproximadamente cento e cinquenta casas, veem no processo de certificação enquanto comunidade remanescente de quilombo, o início do caminho para a conquista de direitos historicamente negados pelo Estado. A agricultura e a pesca continuam sendo a principal fonte de renda da comunidade, que preserva uma manifestação cultural que existe até hoje: o “batuque”, oriundo do Reisado. Ele acontece na peregrinação dos Santos Reis, todos os anos, no mês de janeiro. Os moradores visitam casa por casa da comunidade cantando e dançando músicas que aprenderam com seus antepassados. Hoje, o “batuque” virou Samba de Véio, manifestação cultural que celebra a pluralidade de identidades que coexistem no território do Submédio São Francisco: negra, indígena e sertaneja.

Em relação ao histórico de ocupação da comunidade, Antônio Laurindo, um dos moradores mais antigos da comunidade, relata que seu pai apontava o surgimento do Rodeador desde 1800 porque em 1900 já tinha gente com idade bem avançada vivendo no local. Conta que os mais velhos ocuparam o Rodeador fugindo da Guerra de Canudos e que a vivência da comunidade era baseada na solidariedade e na troca, onde os moradores plantavam tanto para a subsistência quanto para a venda na cidade. No entanto, com a chegada de coronéis e empresários, a produção da ilha foi diminuindo. “Hoje conta de dedo os poucos que tem pequeno sítio ou roça na margem. Tudo é dos grandes ou médio empresário”, comenta Laurindo.

A escolha da comunidade do Rodeador para a investigação do processo de recepção da telenovela Velho Chico se deu em razão da peculiaridade dessa comunidade, uma vez que se trata de um grupo negro rural, que vive em uma situação de invisibilização e têm buscado o autoreconhecimento como quilombolas junto às

instituições do Estado. Nesse processo está em jogo a reconstrução de memórias e identidades relacionadas aos sujeitos e ao seu território, a partir dos capítulos que fazem referências a práticas culturais que caracterizam um modo de vida próprio de comunidades negras e ribeirinhas e, portanto, suas identidades.

A metodologia adotada para a investigação foi a perspectiva teórico-metodológica das mediações proposta por Jesus Martín Barbero e, com o intuito de operacionalizar empiricamente esse conceito, incorporamos o modelo das múltiplas mediações desenvolvido por Orozco Gómez. Assim, neste artigo propomos realizar uma reflexão sobre o percurso metodológico a partir da revisão bibliográfica sobre os estudos de recepção e também sobre os sinais de identidade reconhecidos no melodrama, identificados por Martín Barbero na sua busca por desvendar o mapa noturno. Além desses autores, discutimos as ideias da autora Maria Immacolata Vassallo de Lopes acerca das contribuições da teoria latino-americana das mediações aos estudos atuais da recepção. O subprojeto de pesquisa tem duração de um ano e segue a linha de motivação do projeto de pesquisa, a pesquisa ação. Nesse sentido, pretende contribuir, através dos resultados da investigação, com os processos de fortalecimento e de construção das memórias, de certificação e titulação do território da comunidade em questão.

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O subprojeto de pesquisa “Imagem, representação e identidade: um olhar dos quilombolas da comunidade Rodeador em Juazeiro, Bahia, a respeito da telenovela Velho Chico” consiste em analisar o modo como a telenovela em questão faz referências às práticas culturais que configuram a identidade das populações negra e ribeirinha. A investigação pretende desenvolver um estudo de recepção com os sujeitos quilombolas a partir de suas próprias leituras sobre como se veem ou não representados pelo produto midiático.

Para isso, adotaremos a perspectiva teórico-metodológica das mediações proposta por Jesus Martín Barbero (1997), uma vez que concordamos com Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2000) a respeito da contribuição da teoria latino-americana das mediações aos estudos atuais da recepção. Essa contribuição se dá através do esforço dessa teoria em romper com abordagens teóricas reducionistas e

simplificadoras da comunicação, encarando a recepção como uma perspectiva teórica que integra processos de produção, do produto e das audiências. Nesse sentido, de acordo com Immacolata (2000), a recepção é o momento privilegiado da produção de sentido, contestando a concepção reprodutivista de que a comunicação não se restringe aos meios, mas é realizada através das mediações, ou seja, da cultura.

A autora incorpora esse momento através de uma lógica integradora e compreensiva do estudo da recepção, encarando-a como um processo, uma vez que todo o processo de comunicação é articulado a partir das mediações. Segundo Martín Barbero (1992, apud LOPES, 2000), as mediações são “esse lugar de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o espaço da recepção” (BARBERO, 1992, p.20 apud LOPES, 2000). Por meio dessa definição é possível pensar a mediação como uma estrutura incrustada nas práticas sociais (cotidiano) das pessoas, que ao executar essas práticas, se transformam em várias mediações.

Portanto, as mediações culturais se constituem numa perspectiva de compreensão da relação entre cultura e os meios de comunicação, dentro da pesquisa de recepção. A ideia de passar dos meios para mediações consiste em investigar os processos de construção do massivo através das transformações das culturas populares. Esse movimento se dá em razão da aproximação da cultura com a comunicação. Assim, o processo comunicacional não se realiza de um modo simétrico e linear, mas sim através de uma relação mediatizada com os contextos em que esses processos se estabelecem.

Para Martín Barbero (1997, apud NASCIMENTO e SANTOS, 2000), as mediações se expressam em práticas concretas e evidencia três delas que considera especialmente importantes para entender a relação entre comunicação e cultura: A sociabilidade, que diz respeito às práticas cotidianas dos sujeitos sociais na negociação de espaço uns com os outros; a ritualidade, que está relacionada às rotinas que determinam a produção de sentido e a apropriação cultural que se delineiam através delas; e a tecnicidade, que tem a ver com as tecnologias de informação e com os meios de comunicação.

O resultado é uma perspectiva teórica de investigação e não somente uma área de pesquisa sobre mais um dos elementos que integram o processo de comunicação (o público), mas também a estrutura e a dinâmica da produção de mensagens, os usos e apropriações dessas mensagens e sua composição textual. A teoria das mediações,

portanto, supera a proposta “análise qualitativa da audiência + análise de conteúdo” que caracteriza, atualmente, a tendência internacional dos estudos de recepção.

Immacolata (2000) evidencia que no campo da comunicação social, na América Latina, está sendo construída uma perspectiva teórico-metodológica que pretende articular as contribuições conceituais aos relatórios empírico-descritivos sobre as problemáticas comunicacionais. Esta perspectiva é denominada “pesquisa de recepção”, que tem a finalidade de superar limitações epistemológicas de modelos como a “pesquisa dos efeitos”, a “pesquisa de audiências”, a “pesquisa de usos e gratificações”, os “estudos de crítica literária” e os “estudos culturais”

Nesse processo de tentativa de superação desse modelo pela perspectiva da “pesquisa de recepção”, as contribuições teóricas latino-americanas como as teorias das mediações e das hibridizações foram fundamentais, de acordo com Immacolata (2000). Essas teorias se consolidaram a partir de meados dos anos 80 e compreendem a recepção como um contexto complexo em que as pessoas vivem suas cotidianidades. Ao mesmo tempo, os indivíduos estão inseridos em relações de poder estruturadas e históricas, as quais extrapolam suas práticas. É nesse lugar que nos interessa investigar as diferentes formas de apropriação e de usos dos significados da telenovela pelos sujeitos, ou seja, pensar quais as mediações que conduzem a leitura e o processo de recepção em questão.

Para a autora (2000), eleger a telenovela como objeto de um estudo de recepção, exige pensarmos tanto as renovações trazidas pelas correntes dos estudos culturais, quanto da sociologia da comunicação aos fenômenos da comunicação. Tomando o gênero melodrama como matriz cultural de significação, a telenovela é entendida como um “constructo” que ativa na audiência uma competência cultural e técnica em função da criação de um “repertório comum”, que mais tarde passa a ser um “repertório compartilhado” de representações identitárias sobre a realidade social ou sobre o próprio indivíduo. Logo, a recepção da telenovela é uma experiência cultural e de comunicação que pretende alinhar “contexto” e “leitura” da recepção.

Immacolata (2000) explica que, a mediação, no processo de recepção de telenovela, precisa ser compreendida como processo estruturante que configura e reconfigura tanto a interação dos membros da audiência com os meios, como a criação por parte deles do sentido dessa interação. Immacolata ainda enfatiza o sentido desse conceito, realizando uma decupagem, no intuito de torna-lo metodologicamente

utilizável: a relação receptores-televisão é necessariamente mediatizada; a recepção é um processo e não um momento e o significado televisivo é “negociado” pelos receptores.

Partindo da perspectiva teórico-metodológica das mediações idealizada por Barbero, o subprojeto adotará como metodologia o modelo das múltiplas mediações de Orozco Gómez (1991, 1996, 1997, apud LOPES, 2000), que traz a teoria das mediações culturais para o nível empírico, já que ele critica Barbero por não ter conseguido elaborar o conceito de mediação em termos mais concretos. A escolha metodológica pelo modelo das múltiplas mediações a partir da perspectiva das mediações culturais de Barbero se deu no sentido de operacionalizar o conceito empiricamente no sentido de auxiliar, com maior precisão, no processo de identificação das mediações que conduzem o processo de recepção da telenovela pelos sujeitos.

Para Orozco (1997, apud NASCIMENTO e SANTOS, 2000) é tarefa das múltiplas mediações explorar as três mediações fundamentais apontadas por Barbero para entender a relação da comunicação com a cultura no universo empírico. A partir desse lugar, ele desenvolve o modelo das múltiplas mediações que encara a recepção como um processo complexo, multidimensional e multidirecional e que sofre interferências de várias situações como o contexto cultural, político e histórico. Ele se preocupa em definir um conceito que esteja livre de dicotomias como emissor-receptor e macro-micro. A fim de superar a racionalidade entre contextos sociais macro e micro, ele sugere encará-las como fontes de mediação. No seu modelo, ele considera uma série de fontes de mediações determinantes para entender o processo de recepção: cultura, política, economia, classe social, gênero, idade, etnicidade, os meios, as condições situacionais e contextuais, as institucionais e os movimentos sociais. Alerta, ainda, que essas mediações podem se originar na mente do sujeito-receptor por meio de suas emoções e vivências.

Orozco (1997, apud NASCIMENTO e SANTOS, 2000) propõe, para efeito de classificação, por meio do caráter múltiplo das mediações, cinco grupos: A mediação individual, que se expressam através da nossa individualidade como sujeito cognoscentes e comunicativos e constituem esquemas mentais a partir dos quais as pessoas prestam atenção, assimilam, processam, memorizam e se expressam; A mediação institucional, que se manifesta a partir da participação do sujeito em instituições sociais como família, escola, clubes, igrejas e trabalho. Elas podem

competir entre si e estabelecem recursos para efetuar sua mediação como o poder e as regras; A mediação contextual, que diz respeito a todas as características inseridas num determinado ambiente como idade, sexo e ocupação; A mediação situacional, que se refere a situação em que a recepção se processa, ou seja, como o receptor se encontra na hora da recepção. Nesse contexto, a situação não está separada do papel social que o indivíduo ocupa no contexto; e, por fim, a mediação massmediática, que é a que emana do próprio meio, incorporando a intencionalidade do emissor, no caso do subprojeto, a telenovela “Velho Chico”.

Gómes (1997, apud NASCIMENTO e SANTOS, 2000) alerta que, para utilizar a metodologia perspectiva das múltiplas mediações é necessário que o pesquisador adote uma estratégia multimetodológica, combinando métodos quantitativos e qualitativos. Elucida, ainda, que a combinação de metodologias deverá realizar-se com uma perspectiva histórica que permita a contextualização da explicação. A investigação proposta por Orozco se dá a partir da construção dialética entre o pesquisador e o objeto de estudo, na qual se assumem explicitamente diferentes determinações do investigador.

Para isso, adotaremos uma estratégia multimetodológica que englobará a observação e coleta de dados, combinando modalidades de técnicas de pesquisa quantitativa e qualitativa. Assim, utilizaremos como métodos a formação de um grupo focal, entrevistas fechadas e caderno de campo, que serão detalhados adiante.

DESVENDANDO O MAPA NOTURNO

Em “Dos meios às mediações” (1997) Jesus Martín Barbero propõe um mapa para questionar os conceitos de dominação, produção e trabalho, mas a partir de outros vieses: as brechas, o consumo e o prazer. Nesse sentido, alerta que esse mapa noturno serve para o reconhecimento de situações a partir das mediações e dos sujeitos. Logo, nos convida a pensar os conceitos de cotidianidade, consumo e leitura a partir de novas concepções para refletir sobre “as lutas contra as formas de poder que perpassam, discriminando ou reprimindo, a vida cotidiana e as lutas pela apropriação de bens e serviços” (BARBERO, 1997, p.290) e o consumo no meio popular urbano. Barbero explica essas novas concepções sobre os conceitos supracitados para introduzir um mapa noturno que, por sua vez, auxiliaria na compreensão de um panorama histórico-

sociológico da cultura na América Latina através de uma “encruzilhada” formada por televisão e melodrama.

A partir da constatação de que a televisão vem sofrendo transformações provenientes da informática, Barbero (1997) propõe a formulação de uma ideia de, se o meio sofre processos de transformações, a mediação, a partir da qual esse meio opera social e culturalmente não parece estar sofrendo na América latina modificações a fundo. Ele argumenta que as tecnologias da informática não estão afetando o modelo de produção da televisão que já conhecemos. Sobre isso, ele alerta que a única coisa que importa para os produtores e “programadores” das tecnologias de vídeo é a inovação tecnológica em detrimento do uso social dessas potencialidades técnicas.

Barbero (1997) ressalta que, paradoxalmente, a modificação que parece afetar mais profundamente o modelo de produção da televisão latino-americana que conhecemos é a linha que ele propõe na sua obra: o abandono do que ele chama de “mediacentrismo”, fenômeno responsável pelo enfraquecimento de sua especificidade por parte do sistema da mídia em razão de uma incorporação de elementos de “maior envergadura” como o econômico, cultural e político.

Sobre esse abandono, o autor alerta que no território da América Latina, isso se deu mais a partir das lutas dos movimentos sociais e sua força por tornar mais visíveis as mediações, do que pelo impacto da reconversão industrial dos meios. Por isso, ao invés começar as pesquisas a partir das análises acerca das lógicas de produção e recepção dos meios, para depois procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, o autor propõe começar pelas mediações enquanto lugares “dos quais provem as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão”. Para realizar pesquisas a partir das mediações, Barbero (1997) propõe três lugares de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural.

Conceitua a cotidianidade familiar como um lugar onde coexistem conflitos e tensões onde os indivíduos se confrontam como pessoas e onde encontram espaço para liberar suas ansias e frustrações. A televisão concebe a família como espaço fundamental de leitura e decodificação da televisão. Alerta que a mediação que a cotidianidade familiar cumpre na configuração da televisão não se limita ao que pode ser analisado no âmbito da recepção, uma vez que inscreve suas marcas no próprio discurso televisivo. A televisão encara a família como espaço das “relações estreitas” e

de “proximidade”, forjando os dispositivos fundamentais: a simulação do contato e a retórica do direto.

Martín (1997) lança um paralelo entre o tempo produtivo, valorizado pelo capital, e o tempo constitutivo da cotidianidade, que se dá pela repetição, um tempo que acaba para recomeçar, feito não de unidade contáveis, mas de fragmentos. Dito isso, questiona a matriz cultural do tempo organizado pela televisão: não seria ao inserir o tempo do ritual e da rotina que a TV inscreve a cotidianidade no mercado?

O autor fala ainda de uma “estética da repetição” que, trabalhando com a variação de um idêntico ou a identidade de vários diversos, “conjuga a descontinuidade do tempo da narrativa com a continuidade do tempo narrado” (BARBERO, 1997, p.296). A série e os gêneros fazem a mediação entre o tempo do capital e o tempo da cotidianidade. No que tange à discussão acerca da relação entre televisão e cultura, Barbero (1997) apresenta concepções: a dos críticos, que encaram a televisão como um paradigma de arte, preocupados apenas em denunciar seu discurso repetitivo e sua decadência cultural; e a dos folclóricos, que situam a televisão na cultura de um povo que mantém sua verdade sem as interferências externas ou mestiçagens, quer dizer, um povo sem história. Logo, a proposta cultural da televisão é tornar televisivo o patrimônio das danças, canções e iconografias nacionais. Na televisão, o contraditório significado do massivo se torna muito explícito e desafiante. Além das concepções dos críticos e folclóricos, está a dos governos, oposições e comerciantes, que não consideram a televisão como cultura, mas apenas como comunicação em razão do jogo de interesses comerciais. Acrescenta, ainda, que a dinâmica cultural da televisão atua por seus gêneros.

Em relação às lógicas da produção e dos usos televisivos, Martín (1997) discute o que configura as condições específicas de produção, o que da estrutura produtiva deixa vestígios no formato, e os modos com que a indústria televisiva recicla as atitudes oriundas dos “públicos” e seus diferentes usos. De acordo com Barbero (1997), a competitividade industrial e sua capacidade de desenvolvimento tecnológico e de risco financeiro, além de seu grau de diversificação e especificação profissional, nada tem a ver com a competência comunicativa da empresa perante seus públicos. Além da competitividade e da competência comunicativa, devem ser estudados os níveis e fases de decisão na produção de cada gênero, as ideologias profissionais nas exigências do sistema produtivo, as rotinas de produção, e por fim, as estratégias de comercialização.

Para além disso, o autor também trata da relação da televisão com as classes sociais e também sobre os gêneros televisivos. Em relação às classes, discute que o plural das logicas de uso dos meios não se esgota na diferença social das classes, mas essa diferença articula as outras. E ainda, que os hábitos de classe atravessam os usos da televisão, os modos de ver, e se manifestam no cotidiano, por exemplo, que lugar a TV ocupa na casa? Aborda o que chama de “tipologia social dos tempos”, que teria a ver com os diferentes modos de ver televisão e o significado social do tempo dedicado a ver TV. E, ainda sobre classes sociais e TV, esclarece que enquanto uma classe pede apenas informação à televisão e vai buscar diversão e cultura em outros meios, outras classes pedem tudo isso só a televisão. Na televisão, cada gênero se define tanto por sua arquitetura interna quanto por seu lugar na programação televisiva. E que, na abordagem dos gêneros há a necessidade de construir seu sistema em cada país, uma vez que esse sistema diz respeito a várias configurações culturais, a estruturas jurídicas distintas de funcionamento da televisão, a diversos graus de desenvolvimento da indústria televisiva nacional, e a alguns modos de articulação com a transnacional.

Sobre a relação entre identidade e melodrama, Martín Barbero (1997) entende que o melodrama é um gênero em que se reconhece a América Latina – popular e culta – e que compreende um modo de expressão que explicita o modo de viver e sentir do povo latino-americano. No melodrama, está tudo misturado: estruturas sociais com as do sentimento, o que somos e o que sonhamos ser. No terreno das telenovelas, do tango, do cinema ou da reportagem policial, o melodrama explora o imaginário coletivo, em que se faz visível a matriz cultural que nutre o reconhecimento popular na cultura de massa. Aqui, o autor problematiza o lugar de alienação que estamos, onde re-conhecer consiste em desconhecer. Nesse sentido, está em jogo o que ele chama de “drama do reconhecimento”, quer dizer, o que movimenta o enredo é o desconhecimento de uma identidade e a luta contra as injustiças e contra tudo o que se oculta e disfarça: a “luta por se fazer reconhecer”.

Além disso, Martín (1997) aborda que uma das coisas que dão sentido ao melodrama na América Latina é o anacronismo, oriundo das transformações efetuadas pelo capitalismo no campo do trabalho e do ócio, assim como a mercantilização do tempo e das relações primárias, que acabaram esgotando a sociabilidade do bairro. Como resultado desse anacronismo, têm-se uma sociedade invisibilizada, economicamente desvalorizada e politicamente desconhecida, mas culturalmente

pulsante. O tempo da narrativa faz com que as classes populares se reconheçam nela. No entanto, o que faz a força da indústria cultural e dá sentido às narrativas não está apenas na ideologia, mas na cultura e na dinâmica da memória e do imaginário. Aqui, o autor evidencia uma forte ligação do melodrama televisivo com a cultura dos contos, lendas e a literatura de cordel brasileira e percebe que há um predomínio, na narrativa, do “contar”, resultando na presença constante do narrador e criando a continuidade dramática. Por fim, Barbero faz uma analogia entre a literatura o melodrama, uma vez que ambos fazem com que o autor, o leitor e os personagens troquem de posição. Essa troca é a confusão entre narrativa e vida, uma experiência literária que se mantém aberta a reações e desejos do público. Essa abertura e confusão abriga a lógica mercantil, que, por sua vez, dá espaço para as estratégias ideológicas.

MÉTODOS DA PESQUISA

Em seu artigo “Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos” (2003), Sônia Maria Guedes Gondim define, caracteriza e contextualiza os grupos focais como técnica de investigação qualitativa, além de abordar os fatores que interferem o processo de discussão dos grupos focais e, conseqüentemente, a validade de seus resultados, uma vez que se trata de um método delicado e passível de muitas interferências.

A fim de definir e caracterizar os grupos focais, Sônia Gondim (2003) utiliza a noção de autores como Veiga e Gondim (2001), Morgan (1997) e Ibañez (1986). Morgan (1997, apud GONDIM,2003) define grupos focais como um método de pesquisa que reúne dados por meio de interações grupais a partir de tópicos especiais propostos pelo pesquisador. Ocupa um lugar intermediário entre observação participante e entrevistas em profundidade. Para Veiga e Gondim (2001, apud GONDIM, 2003), a técnica pode ser utilizada para compreender processos de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos sociais. De acordo com os autores supracitados, o método dos grupos focais era utilizado, durante a Segunda Grande Guerra, para analisar os efeitos persuasivos da propaganda política, avaliar a qualidade dos materiais de treinamentos de tropas e também para identificar os fatores que interferiam na produtividade dos grupos de trabalho, mas a partir de 1980, a técnica passou a ser usada para tratar entender as atitudes dos doentes, o uso de métodos

contraceptivos e para avaliar a interpretação das audiências em relação aos produtos midiáticos.

Segundo Borgadus e Lazarsfeld (1926; 1972, apud GONDIM, 2003) a noção de grupos focais está apoiada no desenvolvimento das pesquisas grupais. De acordo com Gondim (2002), a diferença está no papel do entrevistador e no tipo de abordagem. Nesse caso, o moderador do grupo focal assume uma posição de facilitador no processo de discussão e seu foco está no jogo de interinfluências da formação de opiniões sobre um determinado tema. O entrevistador pretende ouvir todas as opiniões e compará-las, logo a unidade de análise do grupo focal é o próprio grupo. Todas as opiniões são importantes, mesmo aquelas que não estejam em harmonia com o grupo, ou seja, para efeito de análise e interpretação, ela é referida como do grupo.

Ibañez (1986, apud GONDIM, 2003) desenvolveu uma outra modalidade chamada grupos de discussão, para o estudo da sociologia do consumo. Trata-se de uma técnica analítica que utiliza bases teóricas da linguística, psicanálise e sociologia para interpretar conteúdos latentes das opiniões sociais. Aqui, o foco não está na análise dos conteúdos expressos nos grupos, mas nos discursos, que permitem compreender o oculto, as representações ideológicas, os valores e afetos vinculados ao tema pesquisado.

A autora expõe as modalidades e tipos de grupos focais a partir da visão de Fern (2001): a primeira pretende identificar a confirmação de hipóteses e a avaliação da teoria, enquanto a segunda é mais voltada para a prática, quer dizer, aos achados em contextos particulares. Essas duas orientações podem ser combinadas em três tipos de grupos focais: exploratórios, voltados, teoricamente para a elaboração de hipóteses no desenvolvimento de teorias e, na prática, tem o objetivo de produzir novas ideias, identificar necessidades, expectativas e a descoberta de novos usos para um produto específico. Logo, tem o objetivo de identificar aspectos comuns de um grupo alvo. Os clínicos, em sua abordagem teórica são voltados para a compreensão das crenças, sentimentos e comportamentos, ao passo que a prática pretende identificar projeções, identificações, vieses e resistência à persuasão. A premissa clínica é a de que as pessoas não conhecem seus próprios comportamentos, daí a necessidade do julgamento clínico e da observação do outro.

Por último, os vivenciais que analisam os próprios processos internos ao grupo e servem a dois propósitos: na vertente teórica, o de permitir a comparação de seus

achados com os resultados de entrevistas por telefone e face a face; na prática, servem para entender, especificamente, a linguagem do grupo nas suas formas de comunicação, preferências compartilhadas e no efeito de estratégias, programas, propagandas e produtos nas pessoas. A autora ainda apresenta uma perspectiva distinta para classificar grupos focais elaborada por Morgan (1997), mas sua tipologia está relacionada ao uso isolado ou concomitante de outras técnicas e métodos de pesquisa. Assim, classifica-os em grupos auto-referentes, usados como principal fonte de dados para explorar áreas pouco conhecidas pelo pesquisador a fim de aprofundar questões e avaliar opiniões e atitudes; grupo focal como técnica complementar, em que o grupo serve de estudo preliminar na avaliação de programas de intervenção e construção de questionários e escalas; e o grupo focal como uma proposta multimétodos qualitativos, que integra seus resultados com os da observação participante e da entrevista em profundidade.

Segundo Morgan (1997, apud GONDIM, 2003), os grupos focais podem ser associados a outras técnicas como entrevistas individuais e observação participante. A utilização de grupos focais combinados com entrevistas individuais permite maior clareza sobre o que as pessoas isoladamente pensam sobre determinado tema, enquanto a associação com a observação participante permite comparar igualmente o conteúdo produzido no grupo com o comportamento dos participantes em seu ambiente natural.

Em relação ao processo de pesquisa com grupos focais, Sônia Gondim (2003) esclarece que para que uma pesquisa esteja apoiada na utilização de grupos focais é necessário que se tenha clareza de propósito, já que as decisões metodológicas dependem dos objetivos a serem alcançados. Essa clareza irá determinar a composição dos grupos, o número de elementos, a homogeneidade ou heterogeneidade dos participantes (cultural, idade, gênero, status social), o recurso tecnológico empregado (face-a-face, ou mediados por tecnologias de informação), o local de realização (naturais, contexto onde ocorre, ou artificiais, realizados em laboratórios), as características que o moderador venha a assumir (diretividade ou não-diretividade) e o tipo de análise dos resultados (de processos e de conteúdos: oposições, convergências, temas centrais de argumentação intra e intergrupais, análises de discurso, linguísticas, etc.). Além desses fatores que podem influenciar no processo de discussão e o produto dela recorrente, a autora chama atenção para uma questão ética que deve ser considerada pelo pesquisador no seu processo de investigação que é a privacidade dos participantes.

Os encontros do grupo focal são voltados para a exibição de capítulos previamente selecionados que fazem referências às práticas culturais dos sujeitos quilombolas, entrevistas semiabertas e observação participante. Além disso, aplicaremos um questionário fechado de identificação para a formação dos participantes do grupo focal, que será composto por até 10 homens e mulheres mais velhos da comunidade e que viram pelo menos 50% da novela. Acreditamos que se trata de um grupo focal vivencial e terá as seguintes regras: só uma pessoa fala de cada vez, evitam-se discussões paralelas para que todos participem, ninguém pode dominar a discussão e todos têm o direito de dizer o que pensam. Para cada encontro, será elaborado pelo pesquisador tópicos especiais, perguntas ou tópicos para debate com a finalidade de mediar e estimular a discussão. Além do grupo e do questionário fechado de identificação, o pesquisador construirá um caderno de campo para o registro de relatos e comportamentos dos participantes durante as exposições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a metodologia do subprojeto por meio das discussões acerca dos estudos de recepção e da relação entre a identidade e o melodrama foi de extrema importância para perceber as contribuições da teoria latino-americana das mediações, propostas por Jesus Martín Barbero, no sentido de transgredir dicotomias e abordagens teóricas reducionistas da comunicação, especialmente no campo da recepção. Nesse sentido, a recepção passa a ser entendida como um processo, um contexto complexo, onde as pessoas vivem suas cotidianidades.

Além disso, refletir sobre o melodrama enquanto matriz cultural de significação, é compreender a capacidade que, por exemplo, a telenovela, possui de ativar uma competência cultural e técnica em função da criação de um “repertório comum”, que mais tarde passa a ser um “repertório compartilhado” de representações identitárias sobre a realidade social ou sobre o próprio indivíduo. A revisão de literatura também nos possibilitou atentar para as relações de poder estruturadas e históricas presentes na cotidianidade das pessoas e, a partir desse lugar, pensar o modo como as representações simbólicas as representações simbólicas podem reforçar discursos e preconceitos oriundos de práticas culturais hegemônicas na sociedade, mas também podem agir de modo contrário, contribuindo para a mudança nessas relações de poder.

BIBLIOGRAFIA

JACKS, Nilda A. Pesquisa de recepção: investigadores, paradigmas, contribuições latino-americanas. **In: INTERCOM Revista Brasileira de Comunicação.** São Paulo, Vol.XVI,n. 1,jan./jun. 1993.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

NASCIMENTO, Marta; SANTOS, Maria. **Desvendando o mapa noturno:** análise da perspectiva das mediações nos estudos de recepção. *Novos olhares*, São Paulo, v.5, p. 4-11, 2000.

LOPES, Maria Immacolata V. **Metodologias para o estudo de recepção de telenovelas no Brasil.** *Comunicação e Sociedade 2, Cadernos do Noroeste*, Série Comunicação, São Paulo, v. 14, p. 93-112, 2000.

OROZCO GÓMEZ, Guilherme. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa.** México: IMDEC, 1997.

SIFUENTES, Lírian. **Etnografia como uma abordagem para investigar as práticas de mídia.** *MATRIZES*, São Paulo, v.8, p. 121-137, 2014.